

PEREGRINAÇÃO COMO MEIO PARA O DESPERTAR ESPIRITUAL

Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – agosto de 1964²

A VIDA ESPIRITUAL tem uma espécie de mistério ao seu redor. O homem não sabe por qual ato seu o despertar interior virá, por quais meios as portas de sua visão se abrirão, o que iluminará seu caminho. Pois isso ocorreu de várias maneiras para diferentes pessoas. A renúncia de Gautama foi devido à visão da miséria, doença e morte; e ao se esforçar para encontrar uma saída para essas tribulações e sofrimentos, ele se tornou o Buddha. Na vida de Tulsidas, foi a advertência de sua esposa que trouxe a transformação. O jovem Tulsidas amava extremamente sua esposa. Ele não podia se separar dela nem por um dia. Um dia, porém, ele teve que ir a algum trabalho, longe de casa. Ao retornar à noite, descobriu que ela havia sido levada para a casa de seu pai. Tulsidas partiu imediatamente e chegou lá tarde da noite. A esposa, irritada e envergonhada por ser repreendida pelas pessoas, disse-lhe com branda censura: “Ah! Que apego você tem por esses ossos e carne. Se você tivesse metade desse amor por Deus, você O teria realizado.” Isso foi suficiente. Uma torrente de luz, por assim dizer, caiu sobre ele. Naquele mesmo momento, ele deixou seu lar e tudo mais. A peregrinação de Sri Chaitanya a *Vrindavan* o colocou em contato com Iswar Puri, e isso desencadeou uma série de eventos que culminaram em sua completa renúncia ao mundo e na propagação do culto de *Bhakti* por toda a Índia. Diz-se que Swami Saradananda, um discípulo direto de Sri Ramakrishna, seguia meticulosamente os rituais religiosos sempre que visitava templos. Ele até circundava e tocava os sinos que pendiam no templo de Shiva em *Banaras*, como era o costume. Quando perguntado por alguém por que ele também seguia essas superstições, se diz que ele respondeu: “Quem sabe, meu filho, por qual ação o Senhor se agrada? Então, eu sigo todos os costumes, cada um deles, e não sei, amigo, como expressar meu amor pelo Senhor.” Tal é, então, a ideia: qualquer coisa pode ajudar a despertar nossa divindade adormecida.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do editorial original em inglês, *Pilgrimage as a Means to Spiritual Awakening*.

Agora, nas escrituras, a peregrinação foi reconhecida como um dos meios de devoção³. Portanto, com um mínimo de crença nas escrituras e nas palavras dos santos, o homem deve se lançar no caminho espiritual. Pois não é possível demonstrar científica e concretamente o progresso ou retrocesso de um ser humano após ele ter feito este ou aquele ato, ou realizado uma ou outra peregrinação. É possível que o próprio homem possa não sentir a mudança mesmo após um longo tempo. Mas, por isso, ele não deve relaxar seus esforços ou ceder ao desespero.

ATTITUDE EM RELAÇÃO À PEREGRINAÇÃO

A facilidade de viagem e os restaurantes em cada esquina, mesmo em lugares antes inacessíveis, transformaram a peregrinação em um passeio turístico para muitos. Muitos outros são atraídos pela escultura e pela arte que foram empregadas na construção dos templos. Mas poucos se importam em pensar na Divindade que habita no templo. Sri Ramakrishna costumava dizer: “As pessoas estão encantadas com o jardim, mas raramente buscam conhecer o dono.” Cada palavra dele está sendo verificada como verdadeira hoje.

Que contraste isso faz com o modo antigo de peregrinação, mesmo o de cento e cinquenta ou duzentos anos atrás! Naquela época, apenas pessoas sinceras se aventuravam a partir em peregrinação. Pois eles tinham que viajar principalmente a pé, e seu caminho passava por florestas cheias de animais selvagens. Assim, quando pensavam em empreender uma peregrinação, transferiam as responsabilidades dos assuntos mundanos para aqueles em casa, despediam-se deles e se entregavam aos cuidados de Deus, seu Senhor. Eles não ousavam carregar dinheiro por medo de ladrões; naturalmente, tinham que depender da hospitalidade concedida pelas pessoas no caminho. O pensamento sobre a casa nunca os perturbava. Suas mentes se concentravam na santidade do lugar que iam visitar. A Divindade, a graça que a Divindade havia derramado sobre os santos, as vidas dos santos que viveram e tornaram o lugar mais sagrado — tudo isso e associações semelhantes estavam em suas mentes. Não podemos esperar que as pessoas no tempo atual viajem a pé; talvez isso seja considerado absurdo tanto para sugerir quanto para seguir. Mas certamente a outra parte pela qual uma peregrinação é realmente empreendida, ou seja, a lembrança constante do Senhor, não é impossível de tentar nem absurdo de sugerir.

Chegamos agora a um ponto muito sutil na conduta de um peregrino, ou seja, como ele deve se comportar em um lugar de culto. Isso é muito importante. Um homem pode ser um milionário, pode ter uma grande linhagem e pode ser um grande erudito. Mas o que é isso diante do Criador do Universo — toda a sua riqueza, erudição e nobreza não são nada na presença d’Aquele que é o Senhor de tudo o que foi, é e será. No entanto, quão limitado é o pensamento do homem! Até mesmo devotos sinceros vacilam aqui. Uma vez, no templo de *Dakshineswar*, alguns

³ Ouvir sobre Deus, cantar Suas glórias, Sua lembrança, ir em peregrinação ou serviço a Ele, adoração, obediência, amizade e autoentrega são alguns dos meios.

ornamentos da imagem de Radha-Govinda foram roubados. Diante disso, Mathuranath Biswas, então proprietário, genro de Rani Rasmani e um ardente devoto de Sri Ramakrishna, disse em sua presença, dirigindo-se à imagem: “Que vergonha, ó Deus! Você não pôde salvar Seus próprios ornamentos!” Sri Ramakrishna repreendeu severamente Mathuranath: “Aquele que tem Lakshmi, a deusa da fortuna, como Sua serva e atendente, alguma vez carece de esplendor? Essas joias podem ser preciosas para você, mas para Deus não são melhores do que pedaços de barro. Vergonha de você! Você não deveria ter falado de maneira tão mesquinha. Que riquezas você pode dar a Deus para magnificar Sua glória?” No entanto, é assim que o homem se esquece de si mesmo no orgulho de sua riqueza. É difícil ser humilde a menos que sintamos a presença de um Ser muito, muito acima de nós em todos os aspectos. Esse sentimento deve ser cultivado. Com ele virá o senso de nossa pequenez, de nossa insignificância. A vida espiritual se torna um fracasso total se a arrogância dominar a mente. A ideia de fazer uma peregrinação não é se exhibir, mas praticar a presença de Deus. Não podemos comprar a graça de Deus com nossa riqueza. Não é pelo que alguém diz sobre Deus, mas pelo que alguém faz e como faz, que Deus mede nossa sinceridade e anelo.

Portanto, a peregrinação, empreendida com um espírito de fé, anelo e humildade, também deve ser acompanhada de autocontrole e restrição dos sentidos. Quase um paralelo pode ser citado do *Bhagavad Gita* quando fala dos meios para o Conhecimento, o conhecimento de Deus, a Realização. Ele diz: “Um homem dotado de *shraddhā* obtém o Conhecimento.” No entanto, duas palavras foram imediatamente acrescentadas a essa afirmação para qualificar o aspirante: (*tatparah*) aquele que está concentrado e apegado a isto e (*samyatendriyah*) aquele que tem os sentidos controlados. Sankara, comentando esse verso, diz que é possível fingir humildade em atos externos, como curvar-se e similares, mas não em *shraddhā* (fé). O controle dos sentidos é um requisito adicional a ser possuído por aquele que almeja escalar os picos da espiritualidade. Em todos os caminhos, esse controle dos sentidos e da mente é mencionado como um equipamento necessariamente indispensável. Com uma mente dispersa e sentidos como cavalos indomados, o objetivo permaneceria tão distante quanto sempre foi, ou até mesmo recuaria ainda mais. Sri Ramakrishna compara um homem que não retirou sua mente dos prazeres sensoriais e ainda tenta realizar Deus a um bêbado que rema um barco a noite toda sem levantar a âncora. Ele permanece onde estava, embora pense que está progredindo rapidamente. O apego ao mundo é a âncora. A menos que o homem se liberte disso, pelo menos durante a duração de sua peregrinação ou da prática de qualquer outra disciplina, todo o seu esforço renderá pouco fruto.

Há um exemplo excepcional que aponta notavelmente como a fé funciona. Quando alguns dos discípulos diretos de Sri Ramakrishna estavam indo para o santuário de *Kedarnath* no Himalaia, viram uma senhora idosa e cega também caminhando. Eles ficaram perplexos quanto ao porquê dessa senhora, que havia perdido a visão, empreender uma jornada tão perigosa. Um deles perguntou: “Mãe,

“você pode ver?” “Não, meu filho”, disse ela. “Então, por que você se deu ao trabalho dessa jornada?”, perguntou ele novamente. Ela respondeu: “Meu filho, e daí se eu não posso ver, mas o Senhor certamente me verá.” Essa era a fé da senhora, e ela estava completamente satisfeita de que seria suficiente para sua salvação se ela se apresentasse diante da Divindade e o Senhor a visse. Eles ficaram comovidos pela devoção daquela senhora.

O QUE SÃO OS LUGARES DE PEREGRINAÇÃO?

Para Swami Vivekananda, “se havia alguma terra nesta terra que pudesse reivindicar ser a abençoada *punya bhumi*, a terra para a qual todas as almas nesta terra devem vir para prestar contas do *karma*, a terra para a qual toda alma que se encaminha para Deus deve vir para alcançar seu último lar, a terra onde a humanidade atingiu seu mais alto grau em direção à gentileza, à generosidade, à pureza, à calma, acima de tudo, a terra da introspecção e da espiritualidade — era a Índia”. Ele proferiu essas palavras com autoridade e sinceridade. Por que ele disse isso? Era simplesmente um elogio? Não era apenas um elogio, mas há uma razão sólida por trás dessa observação de Swamiji. Um lugar sagrado, por exemplo, é aquele que foi o local de nascimento, de *sadhana*, da realização da perfeição espiritual, ou do ministério de um santo ou santos. A Índia tem sido esse lugar. Centenas de santos nasceram e pisaram neste solo. Foi aqui também que a mais elevada filosofia teve seu nascimento, e essa foi a razão de Swamiji considerar a Índia como um todo como uma terra sagrada. Era também seu sentimento mais íntimo.

Diz-se de Swami Ramakrishnananda, um discípulo de Sri Ramakrishna e o primeiro presidente do *Ramakrishna Math* em Madras, que ele considerava sagrado todo lugar onde Swami Vivekananda teria ficado durante sua estada no sul da Índia e se curvava diante dele com grande devoção. Narada, em seus *Bhakti Sutras*, diz: “Esses santos conferem santidade aos lugares de peregrinação.”⁴ O *Bhagavata* declara: “Não são as águas nem os ídolos de barro ou pedra, que estiveram lá por muito tempo, que tornam um lugar sagrado, mas os santos que os purificam com seu mero olhar (em virtude de Deus residir em seus corações).”⁵ A Índia produziu muitos santos e sábios, e é por isso que há inúmeros lugares de peregrinação por todo o país. Da mesma forma, outras religiões também têm seus próprios lugares de peregrinação.

COMO OS LUGARES SANTOS PURIFICAM O HOMEM?

Como dissemos anteriormente, uma pessoa que vai em peregrinação precisa conhecer a história do lugar que vai visitar. Com isso, vem à sua mente as vidas dos santos que o santificaram, da pura devoção desses santos e, através deles, do próprio Deus, pela lei da associação de ideias. O pensamento profundo e constante sobre

⁴ N.B.S. 69.

⁵ Bhagavata, X. 48. 31.

homens santos torna o homem puro. Patanjali, em seus *Yoga Sutras*, afirma que a meditação em um coração puro que renunciou a todo apego leva à tranquilidade da mente⁶. É uma questão de experiência comum que mesmeristas e psicólogos, por sugestão, influenciam pessoas, talvez por um curto período, mas que eles são capazes de fazê-lo não pode ser negado. No entanto, seus poderes são limitados e são usados para fins mundanos. Os psicólogos trabalham cavando no passado do paciente por vários meios e encontram uma sugestão remediadora. Os sábios, por outro lado, quando estão no corpo, criam uma atmosfera ao seu redor carregada de espiritualidade, e isso continua a existir, no lugar onde viveram, por um longo tempo. Atua como um ímã, atraindo pessoas, mesmo ligeiramente inclinadas a uma vida boa, para Deus.

As próprias palavras de Sri Ramakrishna sobre esse assunto são o testemunho mais forte. Ele diz: “Sem dúvida, encontra-se inspiração em um lugar sagrado. Acompanhei Mathur Babu a *Vrindavan*. Hriday e as mulheres da família de Mathur estavam em nosso grupo. Mal vi o *Kaliyadaman Ghat*, uma emoção divina surgiu dentro de mim. Fiquei completamente dominado. Hriday me banhava lá como se eu fosse uma criança pequena.”

“Ao anoitecer, eu caminhava na margem do *Yamuna* quando o gado retornava pelas margens arenosas de seus pastos. À visão daquelas vacas, o pensamento de Krishna brilhava em minha mente. Eu corria como um louco, gritando: ‘Oh, onde está Krishna? Onde está meu Krishna?’”

“Fui a *Syamakunda* e *Radhakunda* em uma palanquim e desci para visitar o sagrado Monte *Govardhan*. Mal vi o monte, fui dominado por uma emoção divina e corri para o topo. Perdi toda a consciência do mundo ao meu redor. Os residentes do lugar me ajudaram a descer. No meu caminho para os lagos sagrados de *Syamakunda* e *Radhakunda*, quando vi os prados, as árvores, os arbustos, os pássaros e os cervos, fui tomado por êxtase. Minhas roupas ficaram molhadas de lágrimas. Eu disse: ‘Ó Krishna! Tudo aqui está como nos velhos tempos. Só Você está ausente.’” Sem dúvida, Sri Ramakrishna estava completamente permeado por Deus, saturado de Deus, e todo *sadhaka* pode não esperar alcançar tais alturas de inspiração, mas, de acordo com seu progresso, cada um colherá algum benefício, cada um receberá um empurrão, um impulso para cima.

Sri Ramakrishna também costumava encorajar seus discípulos a praticarem nos vários lugares de sua própria *sadhana*. A conversa que ocorreu entre ele e ‘M’, o escritor do *Evangelho de Sri Ramakrishna*, sobre o *Panchavati* — o lugar no jardim do templo de *Dakshineswar* onde Sri Ramakrishna realizou intensas práticas espirituais — traz inequivocamente à nossa atenção o valor de permanecer em um lugar sagrado. Um dia, ele disse a ‘M’, que estava passando a noite em *Dakshineswar*: “Onde você vai dormir? Na cabana em *Panchavati*?” ‘M’: “Eles não me deixarão ficar no quarto no andar superior do *nahabat*?” ‘M’ escolheu o *nahabat* porque tinha um temperamento poético. De lá, ele podia ver o céu, o Ganges, a luz da lua e as flores no jardim. Mestre:

⁶ Yoga Sutras, 1-37.

“Oh, eles vão deixar você ficar lá. Mas sugeri *Panchavati* porque muita contemplação e meditação foram praticadas lá, e o nome de Deus foi cantado lá muitas vezes.” Isso não sugere que o Mestre recomendou a atmosfera do lugar para ajudar o devoto em sua *sadhana*, em sua tentativa de avançar em direção a Deus?

A PEREGRINAÇÃO É NECESSÁRIA PARA TODOS?

Agora, surge a questão: A peregrinação é necessária para todos? Dois tipos de pessoas não precisam dela. O santo que realizou Deus e o homem que não se elevou acima do nível dos prazeres animais. Este último não obterá qualquer benefício ao visitar tais lugares. A atitude e a aptidão estando ausentes, nenhuma das outras ideias ajuda os homens a se tornarem puros ou a realizar Deus, mesmo que vivam em lugares sagrados. Eles são como peixes e outros animais aquáticos que vivem no sagrado Ganges, ou como as árvores que crescem nos recintos dos templos, intocados por sua santidade⁷. “Assim como a força sem trabalho a fazer ou trabalho a fazer sem força são incapazes de realizar a ação separadamente, mas quando combinados tornam a ação uma certeza, da mesma forma, quando dotado de pureza corporal e mental e ajudado pela santidade do lugar sagrado, se atinge seu objetivo facilmente”⁸, diz o *Mahabharata*.

Para o santo, novamente, não há necessidade de qualquer peregrinação, pois ele, tendo alcançado seu objetivo, não tem mais nada a alcançar. “Se ele visita um lugar de peregrinação, é apenas para obter nova inspiração”, diz Sri Ramakrishna. Para as pessoas que estão entre esses dois estágios de evolução, é essencial visitar lugares de peregrinação, com toda a fé e devoção ao seu alcance, como uma espécie de disciplina espiritual. Ao longo da marcha do tempo, vemos até santos e sábios viajando de um extremo da Índia ao outro, suportando todas as dificuldades e tribulações; e assim eles santificaram e, às vezes, descobriram novamente os locais exatos de nascimento e atividades das Encarnações Divinas. Diz-se que foi Sri Chaitanya quem descobriu o local exato dos jogos de Sri Krishna em *Vrindavana*. Eles são como adivinhos espirituais. Eles sentem a atmosfera espiritual de maneira intensa e são capazes de deixar para a posteridade um rico legado, o legado de um lugar sagrado de onde gerações sucessivas poderiam se beneficiar espiritualmente. Portanto, a peregrinação não deve ser pensada como mero desperdício de tempo e energia ou como um desejo ocioso de vagar. Além disso, é possível encontrar nesses lugares alguns *sadhakas* ou almas perfeitas, cuja companhia nos ajudará em nossa marcha adiante e nos transformará completamente. A coisa mais importante, no entanto, é manter o espírito de sacralidade ardendo e adquirir o amor de Deus. Então tudo se tornará fácil, tudo será útil.

⁷ Satvatasamhita.

⁸ Anusasana Parva, 108.20.

COMO SE CONDUZIR APÓS UMA PEREGRINAÇÃO?

Assim como é necessário preparar-se para visitar um lugar sagrado, como já foi dito, também é necessário refletir sobre os pensamentos e emoções puras que são gerados em nossa mente por ocasião de nossa visita a um lugar sagrado. Os conselhos de Sri Ramakrishna a seus discípulos sobre esse assunto são de profunda significância e serão de imenso benefício quando seguidos. Vamos afirmá-lo aqui com as circunstâncias que deram origem às observações.

“Em uma ocasião”, escreve Swami Saradananda no *Sri Ramakrishna, the Great Master*, “alguns de nós (devotos) acompanhamos o Mestre a *Kalighat*, para prestar nossa homenagem à Divina Mãe. A manifestação divina especial do *Pithasthan* (lugar sagrado) e Sua manifestação viva na mente e no corpo do Mestre produziram uma alegria extraordinária nos corações dos devotos. No caminho de volta, um de nós teve que ir à casa de seu sogro em resposta a um pedido especial e passar a noite lá. No dia seguinte, quando ele veio ao Mestre, este lhe perguntou onde ele havia passado a noite anterior. E ao ouvir que ele teve que passar a noite na casa de seu sogro, ele disse: ‘Ah, o que é isso? Você viu a Mãe e voltou; que grande diferença entre “ruminar” a visão e os pensamentos d’Ela, que você deveria ter feito, e passar a noite como pessoas mundanas na casa de seu sogro! Dever-se-ia “ruminar”, em outras palavras, continuar a nutrir os pensamentos que surgem na mente em templos e lugares sagrados de peregrinação. Como esses pensamentos divinos podem permanecer na mente de outra forma?’”

Essa é a maneira de realizar uma peregrinação para colher o máximo proveito dela.

